



Créditos fotográficos: 1. O CIEP em Sèvres, 1997, aquarela de Christian Béhélan. Arquitezte des Bâtimens de Franco e aquarelista de renome (coleção particular); 2. Escola Normal Superior, entrada principal © CIEP; 3. Manufatura de Sèvres (1820-1830) ©Sèvres. Cite de la Céramique



DA MANUFATURA DE SÈVRES AO CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Um polo de criação, de inovação e abertura para o mundo



O CIEP HOJE

Instituição do Estado, o CIEP opera em âmbito internacional por conta do Ministério da Educação francês, bem como para os ministérios das Relações Exteriores e Europeias, Ensino Superior, Cultura e Comunicação, e apoia-se, para conduzir suas ações, em uma rede de peritos e parceiros nacionais e internacionais e nas capacidades de uma equipe de 250 pessoas.

O CIEP atua em duas áreas: a educação (ensino geral, profissionalizante e superior, reconhecimento de diplomas) e as línguas (Francês Língua Estrangeira, avaliação e certificações em Francês, línguas e ais programas de mobilidade).

Centro de seminários e espaço de formação e reflexão, o CIEP dispõe de um Centro de Recursos e de Engenharia Documental. Três vezes por ano, ele publica um número da *Revue internationale d'éducation de Sèvres*, veículo de debates, análises e informações sobre questões educativas tratadas numa dimensão internacional.



Centre international d'études pédagogiques

1, avenue Léon-Journault
92318 Sèvres cedex França

www.ciep.fr



1756 – 1876

A MANUFATURA DE PORCELANA, UM POLO DE CRIAÇÃO

Na metade do século XVIII, Luís XV, a conselho de sua favorita, a Marquesa de Pompadour, decide fundar em Sèvres uma manufatura de porcelana. Naquela época, a Europa estava fascinada pelo “ouro branco”. A Manufatura de Meissen, na Saxônia, produzia porcelana dura. A concorrência comercial exerceu um papel de emulação. Idealmente situada na rota entre Paris e Versalhes, a Manufatura de Sèvres tornou-se rapidamente uma vitrine do arte francesa.

Construído em três anos a meia encosta de uma colina, o prédio foi erigido em 1756. O rei investira-se pessoalmente nesse projeto, empregando todos os meios para adquirir o segredo da composição da porcelana dura, cuja fórmula havia comprado em 1763. Com a descoberta de um depósito de caulim em Saint-Yrieix-la-Perche, em 1767, Sèvres dispunha da composição e dos materiais e podia ditar o tom da porcelana europeia. Artistas de renome, engenheiros e cerca de 200 empregados que gozavam de um status privilegiado trabalhavam em Sèvres, inclusive cinquenta mulheres especializadas na fabricação de flores de porcelana. Além da porcelana dura, uma outra técnica também contribuiu para o renome de Sèvres: o *biscuit*.

A Manufatura dispunha de um salão de vendas e de exposição que permitia comercializar as peças nas suas próprias dependências. Era impossível negociar, já que o preço estava claramente exibido!

A Manufatura conheceu tempos difíceis, tanto antes como depois da Revolução Francesa. Com o ingresso de Alexandre Brongniart, a Manufatura ganhou novo impulso. Engenheiro de minas e membro da Academia Francesa de Ciências, ele foi seu administrador de 1800 a 1847. Nesse período, propôs uma classificação das obras, criou o Museu e fomentou novas técnicas, adaptando-se aos padrões estéticos da época.

O Segundo Império testemunhou o desenvolvimento da noção de arte industrial. Em 1877, uma nova Manufatura foi inaugurada às margens do rio Sena e o antigo prédio foi abandonado.

Em 2010, o Museu e a Manufatura fusionaram em uma única instituição: Sèvres-Cité de la Céramique. Ela conjuga capacidades artísticas únicas técnicas do passado e comprometimento com o futuro: criações, desafios e inovações.



1881 – 1940

A ESCOLA NORMAL PARA MULHERES, UM POLO DE INOVAÇÃO

Em 1881, o deputado Camille Sée apresentou uma lei criando uma Escola Normal de Professoras. O ministro Jules Ferry decidiu instalar a Escola em Sèvres. Sob o comando do arquiteto Charles le Coeur, a antiga Manufatura foi então transformada em um pensionato para mulheres. A Sra. Jules Favre foi nomeada primeira diretora do estabelecimento, e duas seções, Literária e Científica, foram criadas. Os estudos duravam 3 anos. O regulamento era estrito. Os professores foram cuidadosamente escolhidos. O ensino compreendia todos os estudos específicos para moças e preconizava “a igualdade na diferença”. Era preciso formar seu caráter e habituá-las a uma vida severa e de recolhimento. As Sévriennes, recrutadas por concurso, incarnavam a elite do corpo docente feminino. Um ensino científico experimental foi desenvolvido graças a professores excepcionais: Marie Curie e Paul Langevin. Um laboratório foi criado e experimentos foram implementados. A seção Literária acolhia personalidades fortes: Ferdinand Brunot e Paul Desjardins.

Nos anos 1920, a Escola adquiriu um novo status. Subordinada à Instrução Pública e às Belas Artes, sofreu profundas modificações. Anna Amieux, diretora de 1919 a 1936, implementou

uma Escola de Aplicação (precursora dos liceus experimentais), criou um Centro de Documentação e promoveu uma abertura no plano internacional.

Em 1924, o decreto Bérard concedeu ao ensino secundário feminino um status idêntico ao ensino secundário masculino. O lema da Escola evoluiu então para “a igualdade na identidade”. As dependências da Escola foram reformadas para receber as alunas desde a creche até o baccalauréat. Eugénie Cotton, diretora de 1936 a 1941, insuflou novo vigor à Escola, aumentando o nível do ensino de Ciências e desenvolvendo o trabalho de laboratório e as pesquisas. Sob seu incentivo, a Escola passou a depender, a partir de 1936, do ensino superior.

Em 1940, com a início da segunda guerra mundial, o pessoal e as alunas foram obrigados a deixar o prédio para nunca mais regressar. A Escola ocupou diferentes lugares antes de estabelecer-se no Boulevard Jourdan e em Montrouge.

Sua fusão com a rue d’Ulm em 1985 instaurou definitivamente uma igualdade de status entre jovens professoras e professores. Para isso, foi preciso um século.

DE 1945 AOS DIAS DE HOJE

O CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, UM POLO DE ABERTURA PARA O MUNDO

Em 1945, Gustave Monod, Inspetor-Geral da Instrução Pública escolheu Sèvres para criar, em 30 de junho, o Centro Internacional de Estudos Pedagógicos, que imaginava como um lugar de encontro, intercâmbio e reflexão. Sob seu comando, uma audaciosa reforma da educação foi implementada: novas turmas, liceus-pilotos, reformulação do status dos professores, etc.

Parceiro dessa reforma da formação do pessoal educativo francês e estrangeiro nos anos 1960, o CIEP era também um polo de reflexão que se interessava pela educação comparada. Um fundo documental foi desenvolvido, construído com base em uma célula de análise comparativa dos sistemas educativos, comparações internacionais e estágios de iniciação e de formação no plano internacional.

Nos anos 1990, o CIEP investiu a área da cooperação em matéria de educação e posicionou-se em projetos europeus. As atividades de cooperação foram profissionalizadas. A reflexão passou então a apoiar-se no trabalho documental e na *Revue internationale d’éducation de Sèvres*.

Desde a sua origem, o estabelecimento especializou-se na área do Francês Língua Estrangeira (FLE). Laboratório de inovações pedagógicas, o CIEP era um ponto de convergência e acolhimento de estruturas e especialistas da área. Diante da transformação do FLE em disciplina universitária, estruturou-se como órgão de formação e expertise.

Os estágios que eram ali organizados desde 1967 deram lugar às “universidades de verão e de inverno BELC, atividades do Francês no mundo”.

A partir de 1985, o estabelecimento ficou encarregado de assegurar a gestão pedagógica e administrativa das certificações nacionais, testes e diplomas de Francês Língua Estrangeira (DELFI/DALF, TCF).

A este portfólio de ações, adicionam-se hoje a gestão de programas de mobilidade, o apoio à inovação do ensino de línguas e o reconhecimento dos diplomas.